

## ASPECTOS DISCURSIVOS DE ORAÇÕES ADJETIVAS NÃO PROTOTÍPICAS EM TEXTOS DO SÉCULO XV E SINCRONIA ATUAL

Monika Benttenmüller Amorim (UFF/FAPERJ)

### Introdução

Verificamos que produções textuais, conversações espontâneas, textos opinativos, textos de base argumentativa em sua predominância, são modalidades comunicativas que se utilizam, com grande frequência, das orações adjetivas como um de seus principais recursos linguísticos. A constante renovação dos recursos linguísticos, percebida sobretudo pelo surgimento de novas funções para formas já existentes, motivou o presente estudo, o qual tem como foco a observação de construções frasais formadas por orações adjetivas explicativas, representadas em sua forma não prototípica, em textos do português da modalidade escrita, pertencentes a duas sincronias distintas: séc. XV e sincronia atual.

A opção de se observar orações adjetivas explicativas não prototípicas em duas sincronias afastadas na linha de tempo possibilitará um estudo de base comparativa, a verificação de tipologia textual mais favorável a essas ocorrências, assim como as questões de frequência de uso e foco narrativo.

Entende-se, neste estudo, orações adjetivas explicativas não prototípicas como as construções linguísticas do tipo apositiva/explicativa, sintaticamente independentes, porém semanticamente vinculadas. Tais orações são introduzidas pelas estruturas “.*Que* + comentário / .*O que* + comentário e variações”, em que se percebe as formas “.*Que*” e “.*O que*” funcionando de maneira similar aos pronomes relativos, já que retomam um sintagma nominal antecedente ou veiculam informações secundárias relativas à totalidade do período antecedente, como verificados em (1) e (2) respectivamente.

(1) “A possibilidade de um imposto que atenda à saúde tem provocado reações. O curioso é que não se reclama com a mesma ênfase das tarifas cobradas pelo sistema bancário. *Que*, em alguns casos, são escorchantes. E *que*, segundo o Procon de São Paulo, tiveram reajuste de até 433% entre os meses de fevereiro e abril.” (O GLOBO - Uriel Villas Boas – Cartas dos Leitores – *O crime no poder* – p.6 - 01/06/08)

(2) “As mulheres da Via Campesina invadiram a casa alheia, quebraram vidraças, estavam vestidas como baderneiras e o ministro Stephanes chegou à conclusão que foi tudo pacífico. Esta sua atitude abrange: impunidade, covardia, omissão e conivência. *O que* gera exemplos para que outros sociopatas façam o mesmo. Afinal, terão, sempre, a mão amiga de seus camaradas.” (O GLOBO – Teresa Abreu de Almeida – Cartas dos Leitores – *Dinheiro público* – p.6 – 11/03/2009)

De acordo com a gramática normativa, as orações subordinadas adjetivas são assim nomeadas por funcionarem como adjetivos da respectiva oração principal. Chamam-se restritivas as orações adjetivas cujo conteúdo é relevante para a identificação do ser ou objeto a que se refere o antecedente do pronome relativo. Quando, entretanto, o conteúdo da oração adjetiva não contribui para essa identificação, diz-se que a oração é *explicativa*. No entanto, a abordagem funcional da língua permite-nos espaço para algumas considerações ao tema.

Entendemos por abordagem “funcional” a concepção da língua que leva em conta a interdependência das dimensões pragmática, semântica e sintática. Pela perspectiva funcional, a língua é concebida numa escalaridade, cujas fronteiras nem sempre são claras e bem definidas. Tem-se como questão básica, no funcionalismo, o modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente (NEVES, 2001). Segundo Neves (op.cit.), há que se considerarem as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, e as funções deverão ser vistas como um diferente modo de significação na oração.

No processo comunicativo, a relação estabelecida entre falante e interlocutor é mediada pela expressão linguística, que será interpretada pelas partes envolvidas, cuja base informativa será proveniente das formas verbais, dos gestos, expressões faciais, do contexto e da interação social estabelecida entre os falantes. Observaremos, portanto, arranjos oracionais não prototípicos utilizados em textos opinativos e argumentativos, possuidores de estruturas sintáticas que colocam em relevo argumentos/opiniões formulados e considerados, pelo falante, como informações de alto destaque e, por isso mesmo, merecedoras de grande focalização por parte do interlocutor.

Postulamos como hipóteses para este estudo que: (i) orações adjetivas explicativas não prototípicas seriam estruturas utilizadas como recurso comunicativo para dar relevo, ênfase ao que é mencionado; (ii) esse tipo de oração é detentor de característica argumentativa forte; (iii) trata-se de estruturas com grau de independência semântico-sintática alto, seja em textos da atual sincronia, seja em textos da sincronia do século XV; (iv) a relação entre essas orações não é de dependência sintática, mas de associação discursiva; (v) trata-se de orações portadoras de unidades informacionais à parte, ou seja, orações que fazem referência ao todo, quando na forma “*O que + comentário*”, e a um sintagma nominal em específico, quando na forma “*.Que + comentário*”; (vi) tais estruturas destacam ideia de contraste; enfatizam o lado negativo do que foi relatado anteriormente.

A utilização de textos pertencentes ao século XV nos possibilitará observar, dentro da história da língua, a ocorrência e frequência de tais manifestações linguísticas em outras sincronias, as relações sintático-semânticas dessas orações e características argumentativas presentes nos textos.

Pela perspectiva funcionalista, observa-se que as orações adjetivas apositivas/explicativas são menos dependentes do que as adjetivas restritivas. Em se tratando de adjetivas explicativas não prototípicas, percebe-se grau de independência semântico/sintática ainda maior.

Estudos iniciais dos exemplos de orações adjetivas explicativas não prototípicas nos suscitaram, no entanto, algumas dificuldades quanto ao posicionamento dessas orações no declive de junção oracional *parataxe > hipotaxe > subordinação* proposto por Hopper & Traugott (1993). Tais dificuldades se devem a estruturas de adjetivas explicativas não prototípicas iniciadas por “*.O qual*”; “*.Os quais*”; “*.Cujos*”; “*.O que quer dizer*”; “*.Onde*”, no *corpus* da atual sincronia e estruturas iniciadas por “*.Os quaaes*”; “*.As quaes*”; “*.Aos quaes*”, “*.A quall*”; “*.O quall*”; “*.Omde*”; “*.Omde sabe*”; “*. Omde assi foi*”; “*.Omde cuidaaes que*”; “*.Omde segundo achamos escripto*”; “*.Omde aqui deves de saber*”, no *corpus* do século XV. Colocamo-nos as questões: (i) estariam essas diferentes formas localizadas no mesmo ponto do declive oracional? (ii) esses tipos de estruturas não prototípicas teriam motivações sintático-semânticas diferentes em relação às estruturas prototípicas e, se o tivessem, por quê?

Como objetivo de âmbito geral, a presente pesquisa tem como foco a análise de configurações desse tipo de funcionamento da língua, de forma mais abrangente, considerando o *continuum* em que se inserem. Especificamente, procuraremos verificar a frequência de uso desse arranjo oracional, localizar tais configurações no declive oracional de Hopper & Traugott e observar tipos textuais mais propensos a esse modo de configuração oracional. Entendemos que reflexões sobre esse estudo podem contribuir para o debate bem como o maior conhecimento sobre os processos de integração de conexão de cláusulas, principalmente no que se refere à extrapolação dos limites da oração.

## 2. Procedimentos Metodológicos

Para o presente estudo, que pauta suas considerações sob a orientação teórica funcionalista, adotou-se o procedimento de se verificar e analisar as orações adjetivas do português, mais especificamente, observar as orações adjetivas explicativas em sua forma não prototípica, pertencentes à modalidade escrita, em diferentes sincronias.

Em trabalho anterior (AMORIM, 2006), tais orações foram analisadas no âmbito do ensino, através de coleta de dados em instituições de ensino público e privado para verificação de frequência de usos de tais estruturas e particularidades relativas à classificação gramatical.

Ao longo de 2006, entretanto, leituras de textos opinativos na modalidade de crônicas, cartas de leitores e editoriais permitiram-nos um olhar mais atento e investigativo às formas não prototípicas de orações adjetivas explicativas recorrentes nesses textos. Decidiu-se, por conseguinte, pesquisar a ocorrência e frequência de tais estruturas linguísticas e verificar sua forma em textos opinativos pertencentes a sincronias de séculos anteriores.

A opção por textos argumentativos levou-nos às crônicas de Fernão Lopes, século XV. Fernão Lopes, nomeado pelo rei D. Duarte cronista do Reino no séc. XV, escreveu as crônicas dos reis D. Pedro I, D. Fernando e D. João I (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> partes) e ocupa, entre a série dos cronistas gerais do Reino, um lugar de destaque, quer como artista quer pela sua maneira de interpretar os fatos sociais. Elegemos as crônicas de Fernão Lopes, em virtude de obra vasta do autor, reconhecida internacionalmente e de grande relevância histórica.

Barbosa (2007, p. 485) observa que em sincronias passadas percebem-se diferentes comportamentos de maior ou menor proximidade entre remetente e destinatário dos textos – “concretizados nas escolhas lexicais, padrões sintáticos e estratégias discursivas” – determinando assim diferente seleção de registro.

Segundo o autor (op. cit.), “em textos de maior dimensão, há maior hipótese de baixar o estado de vigília dos redatores”, o que facilita os estudos de pesquisa histórica da língua. Ao escrever crônicas, com possibilidade de serem lidas por muitos, estabelece-se diferente atitude discursiva, com maior vigilância e elaboração na linguagem. Entretanto, observamos grau de proximidade alto entre redator e interlocutor nas crônicas de Fernão Lopes. Em momentos distintos, inclusive, o autor deixa transparecer claramente opiniões pessoais a respeito do fato narrado (vide 3. *Análise piloto*). “É preciso lembrar que, diferentemente do que vivemos hoje, a esmagadora maioria da sociedade lusófona em diversas fases históricas era analfabeta, ainda que em classes abastadas” (op. cit., p.484). A maioria das situações de escrita seria para fins profissionais. Desta forma, segundo Barbosa, o ato da escrita era cerimonioso. Seguindo as palavras de Barbosa, todo redator adquire e reproduz o que ele acredita ser elemento oriundo de determinadas tradições discursivas, ou seja, modelos de escritura.

Em se tratando de Fernão Lopes, detentor de vasta obra literária, teremos possibilidades de, em contato com seus textos, perceber modelos de escritura representativos do século XV.

Observaremos textos da modalidade escrita do português, que serão comparados e observados em seus aspectos semântico-sintáticos, nos seus processos de continuidade, mudanças e diferentes modos de significação na oração. Verificaremos quantitativa e comparativamente a ocorrência e frequência de estruturas adjetivas explicativas não prototípicas em textos predominantemente opinativos.

## 2.1 O Corpus

O material utilizado para constituição do *corpus* desse trabalho é formado por textos pertencentes a duas sincronias distintas. Para a atual sincronia serão analisados pequenos fragmentos de textos veiculados pela mídia jornalística, representada pelo jornal “O GLOBO”, em sua grande maioria, no período de 2006 a 2009, em que se constata a presença de orações adjetivas explicativas não prototípicas. Elegeu-se o referido jornal, em virtude de sua longa tradição no mercado, além de grande circulação. A constituição de seu público leitor é, em grande parte, de pessoas possuidoras de nível de escolaridade média/alta com bom poder aquisitivo.

Os fragmentos de textos foram extraídos das seções de crônicas, editoriais e cartas de leitores, cujo teor opinativo/argumentativo é relevante e mais propenso à utilização das estruturas sintáticas objeto de nosso estudo.

O material relativo ao século XV é composto por dois volumes do livro “Crônica de D. João I”, de Fernão Lopes, do códice no. 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em edição do Arquivo Histórico Português, que reúne 193 crônicas escritas no primeiro volume e 203 crônicas escritas no segundo volume, totalizando 396 (trezentos e noventa e seis) crônicas. São crônicas escritas em português original, sem tradução, o que torna a presente pesquisa mais fidedigna.

## 2.2 Perfil dos textos

Os textos pertencentes à sincronia atual são provenientes de diferentes seções do jornal analisado. Elegeram-se as seções de opinião, cartas de leitores e editoriais, em que se mesclam linguagens mais elaboradas, como por exemplo, os editoriais e, menos elaboradas, como exemplificam as cartas de leitores.

Os textos pertencentes à sincronia do século XV, provenientes das crônicas de Fernão Lopes, seguem uma linguagem ora mais formal ora mais informal. Verificamos que os momentos de maior informalidade tendem a ocorrer nas situações em que o próprio narrador permite-se colocar diante dos fatos, expressando opinião a respeito das histórias ocorridas na corte.

## 2.3 Dificuldades encontradas

Ao iniciarmos coleta de dados, uma de nossas grandes dificuldades foi o acesso a textos originais do século XV, os quais foram conseguidos através da biblioteca pública de Évora. Além disso, algumas variações das estruturas de adjetivas explicativas não prototípicas presentes nesses textos, tais como “*Que logar nos ficaria*”, “*Omde sabe que assi acomteçeo*”, “*Omde assi foi que*”, nos suscitaram dúvidas. Esses exemplos ficaram, por ora, separados para futuras análises.

Percebemos, também, que os fragmentos de textos da atual sincronia sofrem uma flutuação no que diz respeito à frequência das estruturas pesquisadas. No início da pesquisa, a frequência das adjetivas não prototípicas era maior em textos de menor formalidade, como nas cartas de leitores. Ao longo do tempo, os exemplos de adjetivas não prototípicas em cartas de leitores diminuíram consideravelmente e os exemplos de adjetivas não prototípicas em editoriais, textos mais formais, aumentaram (quadro 1).

### 3. Análise Piloto

Em nossa proposta de estudo, observaremos construções do tipo apositiva/explicativa que se realizam como unidades independentes sintaticamente, porém vinculadas semanticamente (3). Elas têm, em geral, como elemento de referência, uma oração ou uma série de orações e são introduzidas por estruturas (*.Que + comentário / .O que + comentário e variações*) semelhantes ao pronome relativo, já que retomam um elemento antecedente. Tais estruturas serão nomeadas, neste estudo, orações adjetivas explicativas não prototípicas.

(3) *A oposição ao governo federal não perde a oportunidade e já sai falando em CPI dos cartões corporativos. Que nunca dá em nada. Mas oferece o palanque para os discursos deles* (Uriel Villas Boas – O GLOBO – Cartas dos Leitores – Cartão corporativo – p. 6 – 07/02/2008).

Em nossas análises das orações adjetivas explicativas não prototípicas, no entanto, observamos que essas orações veiculam uma informação secundária, como em (4) “O que aumenta bastante a nossa responsabilidade na hora do voto”, em que o autor enfatiza a importância do voto com responsabilidade, após relatar que o novo prefeito receberá uma casa desarrumada para administrar.

(4) *[...]há claros indícios de que o novo prefeito receberá uma casa bastante desarrumada para administrar. O que aumenta bastante a nossa responsabilidade na hora do voto. E a dos partidos, na escolha dos candidatos* (Luiz Garcia – O GLOBO – Coisas municipais – Opinião – p.7, 28/03/2008).

Ainda em (4), percebe-se forte estratégia de focalização com função argumentativa (DECAT, 2004), já que a oração adjetiva explicativa não prototípica é introdutória de novo parágrafo, indicando pausa ainda maior do que a utilização de uma vírgula ou um ponto final, provocando, assim, um direcionamento maior do foco de atenção para o adendo argumentativo/avaliativo.

Observem-se os trechos abaixo pertencentes às duas sincronias pesquisadas:

Sincronia atual:

(5) *Há os autografantes que escrevem “Um abraço” e o nome e pronto, e há os que se sentem obrigados a fazer dedicatórias diferentes e personalizadas para cada um. O que é ótimo para quem pede o autógrafo, mas ruim para quem está na fila e precisa esperar até que a inspiração chegue ao autor* (Verissimo – O GLOBO – Autógrafos – Opinião – p.7 – 06/12/2007).

(6) *Com a novidade apenas da proteção policial adequada, continuará a custosa e escandalosa reforma de casas na favela, com inauguração marcada para a véspera das eleições disputadas pelo bispo licenciado da Igreja Universal.*

*O que aumenta bastante o risco de que o carioca tenha de passar os próximos anos com um prefeito rasgando perspectivas na sua paciência.* (Luiz Garcia – Opinião – Rasgando perspectivas – O GLOBO – p.7, 24/06/08).

(7) *A oposição ao governo federal não perde a oportunidade e já sai falando em CPI dos cartões corporativos. Que nunca dá em nada. Mas oferece o palanque para os discursos deles* (Uriel Villas Boas – O GLOBO – Cartas dos Leitores – Cartão corporativo – p. 6 – 07/02/2008).

Sincronia do séc. XV:

(8) *[...] E pera ho acorrimento que a vos e vossos aliados desses reinos cumpridoiro era, nos outorgamos aos ditos Embaxadores, que de nossa terra podessem tirar homeês darmas e frecheiros por seu sollido,*

quantos e quaees lhe prougesse. *O que em verdade comsiirando as rrevoltosas guerras, em que pollo presente somos postos, assi de ligeiro a outra pessoa nã outorgariamos* (Crônica de D.João I- vol.I – p.97).

(9) *E hordenamdo quem la ouvesse dhir acharom que era bem de enviar sobresto Alvaro Gomçallvez Camello, que foi depois Prioll do Spital, e Alvaro Paaez cidadão de Lixboa de que em çima he feita meemçom.*

*Os quaaes chegamdo a Allamquer, rreçeberom della gramde e fimgido gasalhado, espiçialmente Alvaro Paaez a que ella moor mall queria* (Crônica de D.João I- vol.I – p.30).

Os segmentos de (5)-(6) são compostos por trechos em que há ocorrência da estrutura “.O que + comentário” funcionando como oração adjetiva explicativa não prototípica, dando destaque ao adendo introduzido por estas orações, estruturado após uma pausa mais longa do que a vírgula e fazendo referência ao enunciado completo. São adendos precedidos por pontos finais, criando-se uma expectativa em relação ao comentário seguinte. No trecho (6), essa pausa é ainda maior, já que a oração adjetiva explicativa não prototípica é introdutória do parágrafo subsequente. Vale ressaltar que mesmo em textos constituídos de linguagem mais formal, como em editoriais, a frequência da ocorrência de estruturas de adjetivas não prototípicas com este arranjo foi relativamente expressiva (quadro 1).

No exemplo (7), a oração adjetiva explicativa não prototípica ocorre com a configuração sintática “.Que + Comentário” e atribui destaque a um sintagma nominal antecedente: “CPI dos cartões corporativos”. Essa estratégia de argumentação, também introdutória de adendos após pausa, funciona como persuasão, convencimento, encontrada principalmente em textos de opinião. A frequência de ocorrências com esta configuração sintática foi um pouco menor no gênero textual editorial (quadro 1), da sincronia atual e nos textos do séc. XV (quadro 2), cuja ocorrência foi zero.

Nos trechos de (8)-(9), pertencentes ao séc. XV, observamos utilização da estrutura “.O que + comentário”, com as mesmas características semântico-sintáticas da sincronia atual. Há ocorrência de pausa como estratégia argumentativa e ênfase no lado negativo do adendo. Entretanto, no mesmo *corpus* (crônicas do séc. XV), não foram encontradas estruturas do tipo “.Que + comentário”. Constatamos, porém, a ocorrência de estruturas de adjetivas explicativas não prototípicas com variações dessas configurações sintáticas, representadas por: “Os quaaes”; “A quall”; “O quall”; “As quaes”; “Omde”; “Aos quaes” + Comentário (quadro 2), com a mesma função argumentativa, de focalização e com referência a um enunciado completo. No segmento (8), inclusive, observamos parágrafo introduzido por “Os quaaes”, indicando grande destaque ao comentário subsequente, como já verificado em (5) da sincronia atual.

Tipos de Construção	Crônicas	Editoriais	Cartas de Leitores
.O que + comentário	42	51	10
.Que + comentário	43	14	10
Total	85	65	20

Quadro 1: Distribuição das construções com adjetivas explicativas não prototípicas (sincronia atual)

Tipos de Construção	Crônicas séc. XV
.Que + comentário	0
.O que + comentário e variações	9
.A quall + comentário e variações	10
.Omde + comentário	4
Total	23

Quadro 2: Distribuição das construções com adjetivas explicativas não prototípicas (séc. XV)

No *corpus* analisado, observam-se algumas características recorrentes na estrutura linguística oração adjetiva explicativa não prototípica nas duas sincronias pesquisadas, quais sejam:

(1) A ocorrência de estruturas adjetivas não prototípicas, com maior frequência, em textos argumentativos, já que são textos que mais facilmente propiciam a manifestação de opiniões pessoais e, conseqüentemente, explicações/justificativas/julgamentos relativos às manifestações apresentadas;

- (2) Enunciados, em vários momentos, com objetivo claro de focalizar um pensamento de caráter avaliativo;
- (3) Avaliações/julgamentos cujo caráter crítico e negativo, muitas vezes, sobressai, demonstrando descontentamento com a situação em questão;
- (4) Períodos iniciados por “.O que + comentário” para textos mais formais e “.Que + comentários” para textos menos formais;
- (5) Presença de pausa intencional em início de período para sinalizar maior atenção e foco ao segmento que terá início.

### **3.1 Posicionamento do pronome relativo nas adjetivas explicativas não prototípicas e a questão da frequência**

O papel da frequência de uso de determinadas sequências nas questões de mudança na língua é crucial. Segundo Bybee (2007), com a frequência de uso, uma sequência de palavras ou morfemas torna-se automática, constituindo-se em uma unidade única. O hábito de uso leva à fixação de itens a novas ou velhas formas que, por sua vez, irão desempenhar novas funções, de acordo com as necessidades comunicativas emergentes. Haiman (apud BYBEE, 2007, p.337) cita quatro aspectos como resultados da frequência de uso:

- Frequência leva ao hábito de uso de uma determinada sequência ou item e, conseqüentemente, acarreta perda semântica;
- Automatização do uso de construções, constituindo-se em uma sequência única, com perda semântica em algumas unidades da construção;
- Redução fonológica;
- Emancipação para preenchimento de função em novo contexto de comunicação, acarretando mudança semântica.

Desta maneira, para se compreender os usos das construções “.O que + comentário” e “.Que + comentário” em orações adjetivas explicativas não prototípicas, percebe-se que o pronome relativo assim posicionado, após um ponto final, ainda que não seguindo o arranjo prototípico, estaria “funcionando” para preenchimento de função em novo contexto de comunicação, acarretando mudança semântica. Essa forma não prototípica, entretanto, ainda mantém a característica básica do pronome relativo de retomar um enunciado anterior em específico, como em (9) “novas rodadas de elevação dos juros” ou a de retomar um enunciado completo, como em (10), cuja referência é relativa ao parágrafo.

(9) [...] *Diminuir a velocidade do crescimento dos gastos públicos via aumento do superávit primário ajuda a reduzir a pressão sobre os preços. Mas não a ponto de se prescindir de novas rodadas de elevação dos juros. Que serão menos drásticas se a ganstança for realmente contida* (Editorial – Opinião – União de forças – O GLOBO – p.6, 03/06/08).

(10) *Ruiu com o desfecho do encontro de Genebra a visão maniqueísta de Brasília dos “parceiros estratégicos” definidos por simpatias ideológicas. A frase óbvia e surrada deve ser lembrada: países têm interesses, apenas. O que não quer dizer que não possam buscar e chegar a pontos comuns, mais ainda num mundo interdependente* (Editorial – Opinião – Peso da realidade – O GLOBO – p.6, 01/08/08).

A partir dos dados pesquisados, pode-se esboçar um possível percurso de mudança na utilização e colocação do pronome relativo “que” nas frases que expressam situações particularmente avaliativas, opinativas, de ênfase. No entanto, sua forma prototípica é frequente tanto na atual sincronia quanto em dados do português diacrônico. As ocorrências em (11) e (12) comprovam esse postulado.

(11) *Tanto militares como policiais dizem que a Força recebe treinamento insuficiente e é ineficaz para agir em comunidades que seus integrantes conhecem muito pouco* (Luiz Garcia - Crônica – O GLOBO – p.7, 01/08/08).

(12) *A Rainha espantada da volta que ouvia, levamtousse em pee nom sabemdo que cuidar, e disse que vissem que era aquello[...]* (Crônica de D.João I- vol.I – p.22).

Embora (11) e (12) sejam ocorrências separadas no tempo por seis séculos, visto que a primeira provém de uma crônica da atual sincronia e a segunda de uma crônica do século XV, a ocorrência de “que”

em ambas é linguisticamente semelhante. Nos dois exemplos, o pronome relativo “que” atua conectando e retomando um elemento precedente: “comunidades” em (11) e “volta” em (12).

Entretanto, à medida que o pronome relativo “que” começa a sofrer o processo de mudança em seu posicionamento na conexão de orações, as estruturas “.O que” e “.Que” tendem a ser reanalisadas, tornando pouco claras as fronteiras do pronome relativo.

## Conclusão

Neste estudo, nosso propósito é o de investigar o comportamento das orações adjetivas explicativas não prototípicas em duas sincronias do português: sincronia atual e século XV, no que diz respeito de se considerar essas orações como estratégias de realce, argumentação, avaliação e ênfase ao discurso.

Foi observado que a ocorrência dessas estruturas de forma não prototípica se materializa em diferentes gêneros textuais, exemplificados no presente estudo pelas crônicas, editoriais e cartas de leitores, toda vez que a necessidade de realçar, colocar em evidência um pensamento, na maioria das vezes de característica contrastante, aflora no texto como resultado do processo comunicativo.

Esse tipo de arranjo oracional, intitulado por alguns autores de “desgarradas” (DECAT, 2001), estaria funcionando como uma “associação discursiva” *lato sensu* (AZEREDO, 1997), ou seja, além dos domínios da oração. São estruturas que apresentam um alto grau de independência semântico-sintática.

Verificamos, também, que as orações adjetivas explicativas são mais sensíveis a fatores de natureza pragmático-argumentativa. As adjetivas explicativas prototípicas veiculam informação subsidiária, tornam compreensível, esclarecem uma informação. As adjetivas explicativas não prototípicas, por outro lado, veiculam informação nova, dão destaque a uma opinião relevante. Podemos constatar sua ocorrência maior em textos de manifestação de opinião ou de convencimento.

A partir do exposto, observa-se uma modificação na estrutura do pronome relativo, o qual, de elemento linguístico de dupla função: representar um determinado antecedente e servir de elo subordinante da oração que inicia, passa, nessas estruturas explicativas não prototípicas, a representar um sintagma nominal antecedente, como na forma “.Que + comentário”, ou a destacar o todo, como na forma “.O que + comentário”, além de possuir força argumentativa como meio de alertar o leitor para uma informação, ou opinião que o autor não quer que seja ignorada. Colocamo-nos, a partir dessas reflexões, o seguinte questionamento: o pronome relativo, representado dessa forma, estaria se tornando mais “pesado” em relação ao pronome relativo prototípico?

Dando continuidade à pesquisa, dados das crônicas de Fernão Lopes, vol.2, serão incluídos nas análises. Além das crônicas de Fernão Lopes, procuraremos observar textos mais formais pertencentes ao século XV, com o objetivo de constituirmos grupos de textos com características semânticas equivalentes aos textos provenientes dos editoriais da sincronia atual, cuja linguagem é mais cuidada, a fim de constituirmos *corpus* com mesmos parâmetros comparativos. Seguindo as palavras de Barbosa (2007, p. 486), “caso contrário, corre-se o risco de investigar a história dos textos, sem que isso signifique estudar a história da língua”.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Teresa Abreu de. Dinheiro Público. *O GLOBO*, p.6, 11/03/2009.

AMORIM, Monika Benttenmüller. *Orações adjetivas: uma abordagem funcionalista*. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 2006.

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Normas cultas e normas vernáculas: a encruzilhada histórico-diacrônica nos estudos sobre português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba T. de; MORAIS, Maria Aparecida T.; LOPES, Ruth E. Vasconcellos; CYRINO, Sonia Maria Lazzarini; (orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Rio de Janeiro: Pontes, 2007.

BYBEE, Joan. *Frequency of use and the organization of language*. USA: Oxford University Press, 2007.

BOAS, Uriel Villas. O crime no poder. *O GLOBO*, p.6, 01/06/2008.

\_\_\_\_\_. Cartão corporativo. *O GLOBO*, p.6, 07/02/2009.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao 'desgarramento'. In: BRAGA, Maria Luiza; BITTENCOURT, Vanda de Oliveira; (orgs.). *Scripta: Lingüística e filologia*. Vol.5, no.9. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

\_\_\_\_\_. Orações relativas apositivas: SNs 'soltos' como estratégia de focalização e argumentação. In: *Veredas: Conexões de orações*. Vol.8, n.1 e n.2. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2004.

GARCIA, Luiz. Coisas municipais. *O GLOBO*, p.7, 28/03/2009.

\_\_\_\_\_. Rasgando perspectivas. *O GLOBO*, p.7, 24/06/2008.

HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I*. Vol.I, Portugal: Livraria Civilização Editora, código no352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VERISSIMO, Luis Fernando. Autógrafos. *O GLOBO*, p.7, 06/12/2007.